

Vannoy, Deuteronomio, Aula 4

© 2011, Dr. Robert Vannoy, Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

Pesquisa de Apoio à Autoria do Mosaico

Análise

Na semana passada, sob o algarismo romano II, que é “A Autoria e a Data de Deuteronomio”, examinamos abordagens críticas. “D” é “Desafios à posição clássica de Wellhausen de várias direções”. O número 1 estava tentando mudar a data de 621 AC para uma época posterior, pós-exílica. O número 2 era “Defensores de uma data anterior a 621, mas durante o período monárquico”, e seriam Welch e von Rad. E então 3 também foi pré-monarcal, empurrando-o para antes, ainda antes do período do reino, mas não de volta ao período Mosaico. E. Robinson e R. Brinker desenvolvem a teoria de que Samuel foi basicamente quem esteve por trás da compilação do livro de Deuteronomio.

#### 4. Defensores de uma Data Mosaica para Deuteronomio

##### a. Pesquisa dos primeiros apoiadores do Mosaico

Isso nos leva ao capítulo 4, “Defensores de uma data mosaica para Deuteronomio”. Essa certamente é a visão tradicional que a própria Bíblia nos apresenta. Não farei nada além de apenas mencionar esses nomes, mas o que vocês veem é uma sequência de pessoas que vai desde o início de 1900 até o presente. James Orr, o primeiro, escreveu O Problema do Antigo Testamento em (1906) e defendeu basicamente uma origem mosaica para Deuteronomio. HM Weiner escreveu dois livros, um em 1912 e outro em 1920. O de 1912 chamava-se Estudos do Pentateuco, e o de 1920, O Problema Principal do Deuteronomio. Então, veja já, Weiner está focando em Deuteronomio como uma questão crítica para defender uma origem mosaica. J. Ridderbos escreveu um comentário sobre Deuteronomio, dois volumes em 1950 e 1951. Está escrito em holandês. Acredito que recentemente foi traduzido por Zondervan naquela série de Comentários do Estudante da Bíblia. Não sei se você está familiarizado com isso. É a tradução para o inglês de uma série de comentários em holandês. A

maioria dos comentários holandeses foram escritos na década de 1950, início dos anos 60, e estão gradualmente sendo produzidos em inglês.

b. Defensores mais recentes da autoria do mosaico

Apenas um comentário sobre J. Ridderbos . J. Ridderbos – o nome Ridderbos talvez lhe seja familiar principalmente devido ao trabalho de Herman Ridderbos , que era um professor de Novo Testamento na Holanda, que escreveu Um Esboço da Teologia de Paulo, que é uma obra importante que foi traduzida, além de alguns comentários. Herman Ridderbos era filho de J. Ridderbos , J. Ridderbos , o pai, era professor de Antigo Testamento. Já mencionei isso em algumas de minhas outras aulas. Ele teve dois filhos, um era NH Ridderbos e o outro era HN Ridderbos . Herman era professor de Novo Testamento e é aquele com quem a maioria das pessoas que falam inglês estão familiarizadas. Niko era professor de Antigo Testamento e J. Ridderbos também era de Antigo Testamento. Mas Niko Ridderbos foi o homem com quem estudei. Ele agora está morto. Mas de qualquer forma, J. Ridderbos , o pai, defendeu a autoria mosaica do Deuteronômio. E então, mais ou menos na mesma época, GCH Aalders, também holandês, escreveu uma introdução do Antigo Testamento que não foi traduzida para o inglês. Sua breve Introdução ao Pentateuco, como é chamada, foi traduzida para o inglês. Ele defende a origem mosaica.

OT Allis, para chegar a este país, durante muitos anos foi professor em Princeton, e mais tarde em Westminster, nos primeiros dias do Seminário de Westminster, escreveu Os Cinco Livros de Moisés. É um bom tratamento da crítica do Pentateuco, escrito em 1943. Estamos na era da Segunda Guerra Mundial. Então EJ Young, professor do Seminário de Westminster, escreveu sua Introdução ao Antigo Testamento, a primeira edição foi de 1949, que foi posteriormente revisada e atualizada em 1960. Ele também defendeu a origem mosaica do Deuteronômio. Mais recentemente, a enorme Introdução ao Antigo Testamento de RK Harrison, em 1969, também defende a autoria mosaica do Deuteronômio.

Portanto, meu propósito ao lhe dar esses nomes é apenas mostrar que durante todo esse período de um século em que esta autoria mosaica foi atacada, houve aqueles que defenderam a posição mosaica o tempo todo. Eu diria que são todos praticamente iguais, embora com Aalders ele permitisse algumas do que chama de frases “pós-mosaicas” aqui e ali, particularmente no final de Deuteronômio com o relato da morte de Moisés. , ao qual também não tenho nenhuma objeção. Isso foi anexado ao livro após sua conclusão. Mas Aalders encontra algumas outras frases aqui e ali que ele considera pós-Mosaico, que não tenho certeza se são necessárias. Mas geralmente são todos muito conservadores.

c. Pentateuco é posição fundamental para determinar livros conservadores

Pergunta do aluno: Então é justo dizer que esta autoria mosaica do Pentateuco é uma posição fundamental na determinação de livros conservadores?

Vannoy: Sim, acho que sim. Você encontra alguns evangélicos indo no sentido de aceitar, em algum grau ou outro, parte disso como material pós-mosaico. Você vê que essa é a vergonha da coisa. Tomemos como exemplo a situação holandesa. Você pode traçar isso em três etapas: Aalders era uma autoria mosaica muito forte do Pentateuco. Ele argumentou contra a teoria JEDP até o fim dos tempos. Ele permitiu alguns desses tipos de coisas pós-mosaicas. Seu sucessor, nessa cadeira, foi Niko Ridderbos , que deu um passo além e permitiria fontes no Pentateuco, talvez algumas, e ele sentiria que o Pentateuco foi concluído provavelmente no início do período do reino. Então, você vê que não está descendo. Ele não comprou o negócio do JEDP no atacado, mas fez muito mais concessões a ele do que Aalders. O cara naquela cadeira agora é um homem chamado Cornelius Helmon ; ele quase comprou toda a abordagem do JEDP. Mas você dificilmente poderia chamar a visão dele de uma visão evangélica das Escrituras. Assim, em três passos você passa de uma posição conservadora para uma posição totalmente liberal em três gerações. É assim que a história parece seguir. Você começa, abre a porta até certo ponto, depois ela abre mais e a posição original desaparece.

É muito envolvente e muito complexo. Acho que há coisas filosóficas por trás disso. Provavelmente existem questões intelectuais de integridade intelectual. Eles geralmente começam com uma pergunta para a qual não temos uma resposta adequada, então temos que admitir neste ponto. Para mim, é a visão básica das Escrituras que está por trás disso. De onde você tira sua visão das Escrituras? Você entende a sua visão das Escrituras naquilo que as Escrituras reivindicam para si, na atitude que Cristo teve em relação às Escrituras do Antigo Testamento? É um processo ou método dedutivo. Dessa forma, você obtém sua visão dedutivamente ou entra indutivamente, observando todos esses problemas um por um e espera até poder resolver todos eles. Então você não chega à conclusão de que as Escrituras são confiáveis. Acho que muitos desses homens trabalham com esse tipo de metodologia. Então eles sentem que não podem dizer que as Escrituras são totalmente confiáveis porque não têm uma resposta para este ou aquele problema, e então sentem que é uma questão de integridade intelectual. Acho que nem questionaria o cristianismo de Helmon porque conheço o sujeito. E ele é um sujeito piedoso. Mas a sua visão das Escrituras é totalmente diferente. Mas acho que é por causa da forma de abordagem deles.

#### d. Outros livros que apoiam a autoria do Mosaic

Devo acrescentar algo a isso, embora não esteja na sua lista. Há mais alguns livros para mencionar, então deixe-me ir mais longe. GT Manley escreveu um livro chamado O Livro da Lei: Estudos na Data de Deuteronômio em 1957; isso está na sua bibliografia. Voltarei e farei alguns comentários sobre esse livro. B. Halwerda é holandês. Novamente, infelizmente, isso não foi traduzido, mas na página 5, sob “Centralização da adoração em Deuteronômio”, você vê B. Halwerda ali, a quarta entrada. E o título ali em holandês é O lugar que o Senhor escolherá. Ele discute essa frase em Deuteronômio 12 e as implicações dela na questão da centralização que está no cerne da teoria de Wellhausen. Voltarei a isso mais tarde também. E depois, claro, Meredith Kline, que escreveu O Tratado do Grande Rei. Seu livro está listado na página 4 em Deuteronômio e na forma do tratado, O Tratado do Grande Rei: Estrutura da

Aliança de Deuterônômio, Estudos e Comentários, 1963. Por último, devo acrescentar a isso Peter C. Craigie, que é um dos comentários que você lerá na introdução deste curso. No Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento sobre o livro de Deuterônômio publicado em 1976, ele defende a origem mosaica. Portanto, esse é o comentário acadêmico mais recente, detalhado e sólido que defende essa posição.

JA Thompson apóia a data do Mosaic. Voltarei e falarei um pouco sobre ele, mas ele sente que a forma final que temos atualmente do Deuterônômio é pós-mosaica. Não entendo completamente por que ele chega a essa conclusão, mas discutiremos isso mais tarde. McConville defende basicamente a origem mosaica.

#### e. Trabalho recente sobre a origem mosaica do Deuterônômio

Agora, daquelas pessoas dessa lista, gostaria de mencionar quatro pessoas nessa lista que estavam trabalhando em diferentes aspectos da questão de Deuterônômio, mas cujas obras complementam cada uma delas na confirmação da origem mosaica do livro. Penso que é significativo que nos últimos 25 anos tenham sido abertos novos caminhos, pode-se dizer, nesta questão. Assim, embora tenha sido debatido durante um século inteiro, nos últimos 25 anos - em alguns casos como o livro de McConville recentemente - tem sido feito algum novo trabalho que tende a confirmar e a aumentar a legitimidade do argumento a favor da origem mosaica. . Há quatro pessoas cujo trabalho conjunto, penso eu, proporciona um forte argumento para reconsideração de toda esta teoria JEDP e particularmente do lugar de Deuterônômio nela. Vou considerá-los nesta ordem: primeiro, o holandês Halwerda . Como mencionei, ele concentra-se na questão da centralização do culto no que se refere à teoria de Wellhausen. Ele discute particularmente a interpretação do capítulo 12 de Deuterônômio, que é um capítulo chave para a teoria de Wellhausen. Essa é parte da razão pela qual eu queria que você traduzisse o capítulo 12 e o examinasse com bastante atenção. Discutiremos isso em aula em uma ou duas semanas. Mas Halwerda aborda essa questão da centralização.

Em segundo lugar, GT Manley em seu livro, com o título completo, O Livro da Lei: Estudos na Data de Deuterônômio. Ele lida com uma série de questões, incluindo a

questão da centralização, mas é particularmente forte na discussão da suposta relação de desenvolvimento entre JE e D e, em seguida, os códigos de lei P. Estes três códigos legais, de acordo com a teoria de Wellhausen, têm uma relação de desenvolvimento entre eles. O que ele faz é comparar o material que eles chamam de “JE”, o que eles chamam de “D”, o que eles chamam de “P”, ele compara isso e aponta numerosos problemas com uma teoria do desenvolvimento. Então, você sabe, mesmo que superficialmente possa parecer impressionante, Manley aponta alguns problemas com esse tipo de ideia em seu livro.

Em terceiro lugar está Meredith Kline. A força de Meredith Kline é uma perspectiva totalmente diferente. Trabalha com a forma literária do livro de Deuteronômio. Ele analisa tanto sua forma quanto seu conteúdo a partir da perspectiva da analogia, especialmente com os textos dos tratados hititas, e descobre que há uma estreita correspondência entre os textos dos tratados hititas e a estrutura do livro de Deuteronômio. Os textos do tratado hitita devem ser datados aproximadamente da era mosaica, e certamente não de 600 aC. Portanto, quero entrar em mais detalhes com você sobre a posição de Kline. Mas o que ele usa é o que você realmente chamaria de “análise crítica da forma” para defender uma origem mosaica, encontrando uma analogia extra-bíblica precisamente no tempo que Deuteronômio representa ser. Acho que ele defende isso bem; Acho que ele tem um argumento bastante forte. Você não pode falar em termos de prova. Não acho que você possa usar argumentos como esse para provar, sem qualquer dúvida, as datas do Mosaico para a composição do livro, mas você certamente pode criar um modelo que se ajuste à data e que suporte uma data do Mosaico.

A quarta pessoa é Gordon McConville, o livro que você está lendo. Direito e Teologia em Deuteronômio. Agora, basicamente no livro de McConville, em vez de ver as leis em relação às leis em outras partes do Pentateuco, mostrando como D se relaciona com JE ou D se relaciona com P, McConville se concentra principalmente nas leis de Deuteronômio como refletindo exclusivamente a teologia de Deuteronômio. Ele diz que há uma teologia por trás de todas essas leis, e as leis refletem a teologia. O

próximo passo em seu argumento é que ele considera que a teologia reflete as preocupações de Israel no momento em que eles estavam prestes a entrar na Terra Prometida, o que, é claro, seria então o tempo de Moisés no final do reinado de Moisés. Eles estão prestes a entrar na Terra Prometida. Ele descobre que por trás das leis estão as questões que refletem esse tipo de situação e uma teologia que pertence à situação em que eles estão prestes a cruzar para a Terra Prometida. Então você vê que o que ele quer dizer é a teologia por trás do livro que ele diz se adequar à época de Moisés.

Então, você vê McConville olhando para Deuteronomio sob essa perspectiva teológica. Você faz Kline olhar para isso de uma perspectiva estrutural crítica de forma. Você tem Manley, que analisa a teoria de Wellhausen e mostra problemas com esse tipo de abordagem. Você tem Halward, que trabalha com a questão da centralização da adoração. Então, o que estou dizendo é que muitos desses estudos recentes sobre o livro de Deuteronomio se complementam na reconfirmação da origem mosaica.

Se você olhar na sua bibliografia, página 5, eu tenho lá, “Centralização da adoração em Deuteronomio”. Aquele artigo de Kundall, “Santuários: centrais e locais no Israel pré-exílico com referência particular ao livro de Deuteronomio”. Esse é um artigo útil. E McConville capítulo 2: “A Lei do Altar e Centralização do Culto”. Wenham, em outro artigo que você está lendo, “A Data de Deuteronomio: eixo central na Crítica do Antigo Testamento”, em Themelios em 1985. Esses são três artigos úteis. Gostaria também de chamar sua atenção neste momento para a terceira entrada na página seis, que acaba de ser publicada. N. J. Paulo. Agora isso está em holandês. Esta é uma dissertação de 1988. E é intitulado “O Ponto Arquimediano da Crítica do Pentateuco”. E ele está falando sobre namoro com Deuteronomio. Toda a dissertação é sobre isso, onde ele basicamente defende uma origem mosaica. Então isso é realmente emocionante. Acabei de receber uma cópia há cerca de duas semanas, pouco antes do início deste curso.

Eu só queria chamar sua atenção especialmente para essas quatro pessoas. E você está lendo Kline e McConville. Discutirei Kline em algum momento porque acho que

seu argumento é crucial. Também vou discutir Halward. Não poderei fazer muito com McConville ou Manley. Você vai ler McConville. Manley, infelizmente, está esgotado, então é difícil usá-lo, mas só quero chamar sua atenção para isso.

### III. A forma de aliança do livro de Deuteronômio e suas implicações históricas

#### A. A integridade estrutural do livro tem sido frequentemente questionada

Então, vamos passar para o numeral romano III em seu esboço. Essa é “A forma da aliança do livro de Deuteronômio e suas implicações históricas”. Agora, muito do que vou dizer sob o numeral romano III vem do trabalho de Meredith Kline em seu Tratado do Grande Rei. Mas “A” é “A integridade estrutural do livro tem sido frequentemente questionada”. Wellhausen disse que havia um núcleo original no livro de Deuteronômio, que ele disse ser os capítulos 12 a 26. Então, você vê 1 a 11, e 27 a 34, ele sentiu que eram acréscimos posteriores. O núcleo original do livro não era Mosaico e, claro, isso já era tarde. Mas o que ele está dizendo é que estruturalmente não há unidade no livro. Há um núcleo original de 12 a 26, o restante foi adicionado posteriormente; em outras palavras, depois de 621 aC, Kline diz sobre Adam Welch, que foi um dos homens que discutimos sob os defensores da data anterior a 621, mas durante o período monárquico, Kline diz: “Welch encontra confusão ao longo do livro, mas considera a estrutura, em particular, tão desesperadamente desordenada que ele declara ser enganoso falar de um editor, uma vez que isso sugeriria que um certo grau de ordem foi introduzido no caos.” Essa é a estimativa de Adam Welch sobre o Deuteronômio: tão caótico que não há unidade estrutural ou ordem nele. Ele nem quer falar sobre um editor porque acha que isso sugeriria que foi introduzido um grau de ordem que ele não encontra.

Outro problema frequentemente discutido por esses estudiosos críticos é o que é chamado de “duas introduções” do livro. Muitos desses escritores dizem que Deuteronômio tem duas introduções. Dizem que há uma introdução nos capítulos 1 a 4, e depois há outra introdução nos capítulos 5 a 11. É uma redundância, dizem, duas introduções. G. Ernest Wright escreveu o comentário sobre Deuteronômio na série

Interpreter's Bible, que é um comentário crítico bastante padrão da década de 1960, creio eu. Wright, Interpreter's Bible volume 2, diz sobre essas duas introduções: “Nenhuma precisa da outra. Eles parecem independentes um do outro.” E então ele adota uma visão originalmente defendida por Martin Noth de que Deuteronomio não deve realmente ser tomado como parte do Pentateuco, mas é o primeiro livro do que Martin Noth chama de “História Deuteronomística”. Vai de Deuteronomio até o final de 2 Reis: Deuteronomio, Josué, Juízes, Samuel e Reis. Deuteronomio é o primeiro livro desse corpus de material, que ele sente ter sido escrito ou editado por um indivíduo nos últimos tempos pós-exílicos. O que ele diz então é que Deuteronomio é o primeiro livro daquela história deuteronomista, e que Deuteronomio 1 a 4 é a introdução a essa história deuteronomística como um todo, enquanto os capítulos 5 a 11 são uma introdução apenas ao livro de Deuteronomio. Mas acabei de mencionar algumas dessas coisas para salientar que a integridade estrutural do livro tem sido frequentemente questionada. Em outras palavras, muitos desses estudiosos críticos chegam ao livro e não encontram uma estrutura coerente para ele.

A História Deuteronomística vai desde Deuteronomio até o fim dos Reis. Claro, a razão pela qual você chamaria isso de História Deuteronomística é porque a teologia que é refletida através das narrativas históricas segue a teologia de Deuteronomio, o que é bastante interessante. Agora, claro, o que eles estão dizendo é que é esse tipo de esquema teológico que foi imposto à história anterior porque Deuteronomio não existia até 621. Então, como você acharia a história de Deuteronomio influenciando, digamos, o período dos Juízes se o livro não foi escrito antes de 621 AC? Diriam que todo o período dos Juízes foi reformulado, ou descrito, de uma forma que reflete a teologia do Deuteronomio. Há uma influência deuteronomica muito real em todos esses livros e, claro, se você colocar isso no lugar certo, na era mosaica, seria de esperar que houvesse influência deuteronomica em todos esses livros.

b. A visão de Von Rad sobre o padrão estrutural de Deuteronomio

Tudo bem, “b” na sua folha é Gerhard von Rad, que chamou a atenção para o significado do padrão estrutural de Deuteronomio em seu *Problema do Hexateuco*, 1938. Mencionei isso quando estávamos analisando os desafios à posição de Wellhausen. Von Rad defendeu uma data anterior a 621, mas ainda no período monárquico; mas o interessante é que parte de seu argumento foi encontrada na estrutura do livro. Isso o diferencia de seus estudiosos críticos mais antigos, ou mesmo de alguns de seus contemporâneos que consideraram o livro caótico. Ele chamou a atenção para a estrutura do livro como um todo em seu *Problema do Hexateuco*, páginas 26 e 27. Acho que mencionei isso antes, mas ele diz: “Obviamente, do ponto de vista da crítica da forma, ninguém aceitaria qualquer imagem das origens do Deuteronomio. É impedido pelo reconhecimento do fato de que Deuteronomio é, na forma, um todo orgânico”. Ele continua: “Podemos distinguir qualquer número de diferentes estratos e acréscimos por critérios literários, mas em matéria de forma, vários constituintes formam uma unidade indivisível. A questão é, portanto, inevitavelmente levantada: qual era o propósito original da forma de Deuteronomio como a temos agora?”

Ele diz que estruturalmente o livro tem quatro seções. Isso está em seu *Problema do Hexateuco*, página 27. Ele sente que o livro reflete estruturalmente, nos capítulos 1 a 11, uma apresentação histórica dos eventos do Sinai e material paranético conectado com esses eventos. “Paranético”, você sabe o que é isso? “Paranético” significa exortação. É do grego *paranesis*. Deuteronomio tem esse tipo de caráter sermônico. Dá exortações. Depois, a segunda seção do tratado é a lei, capítulos 12 a 26. Os capítulos 12 a 26 são o material jurídico. Depois ele fala do selamento da aliança em 26:16 a 19, e de bênçãos e maldições em Deuteronomio 27 e seguintes.

Então o que ele conclui é que ele quer olhar para todo o livro de forma crítica. Que situação daria origem a este tipo de forma? E o que ele diz então é: “Nestas quatro seções reconhecemos mais uma vez as características básicas do que antes era uma cerimônia de culto manifestamente associada ao mesmo festival que se reflete na tradição do Sinai junto com JE”. Então, da maneira como ele olha para isso, ele vê a estrutura e acredita, criticamente a forma, que houve algum tipo de festival de culto que

produziu esse tipo de forma literária que está refletida no livro. Voltarei a esse ponto de vista mais tarde, mas a minha principal razão para chamar a atenção para isto é que von Rad, neste momento, vai contra o consenso dos estudiosos críticos de que o livro é caótico. Ele está dizendo: “Não, existe uma estrutura”. É diferente da abordagem crítica da fonte na metodologia, mas tem alguns pontos de semelhança ao utilizar diferentes pressupostos.

### c. Meredith Kline: Tratado do Grande Rei

#### 1. Deuteronomio é um documento de renovação de aliança

Tudo bem, “c” Meredith Kline utilizou uma metodologia crítica da forma que honra a integridade das Escrituras para abrir uma nova perspectiva sobre a estrutura de Deuteronomio, o que tem implicações para sua interpretação e data. Agora, isso está tudo em seu esboço. O que quero fazer em “c” é resumir o argumento de Kline. Portanto, “1” é a afirmação da tese de Kline. Na página 28 do seu Tratado do Grande Rei, ele diz: “A posição a ser defendida aqui é que o Deuteronomio é um documento de renovação da aliança que, em sua estrutura total, exhibe a forma jurídica clássica dos tratados de suserania da era mosaica”. Acho que essa frase lhe dá a tese dele.

#### 2. Esboço do Deuteronomio de Kline

Vamos para “2”. Essa é a introdução de sua tese. “2” é “o esboço de Deuteronomio de Kline”. Quando Kline examina o livro, ele o divide em cinco partes: primeiro, um preâmbulo 1:1 a 5; segundo, um prólogo histórico, a história da aliança de 1:6 a 4:49; terceiro, estipulações – vida de aliança em 5:1 a 26:19. Isso é basicamente os capítulos 5 a 26. Agora, isso se divide em duas subseções 5:1 a 11:32, em outras palavras, os capítulos 5 a 11 são os “Grandes” ou “Mandamentos Básicos”. O grande mandamento basicamente é: amar o Senhor teu Deus, servir somente a ele, lealdade pactual, obrigação fundamental da sua lealdade exclusivamente ao Senhor. “B” são mandamentos auxiliares; essas são as estipulações detalhadas, e são os capítulos 12 a 26. Depois, quarto, sanções – ratificação do pacto 27:1 a 30:20; essa é a seção de bênçãos e

maldições e outras coisas. Então, 31 a 34 é a disposição dinástica, ou continuidade da aliança. É a provisão para a sucessão de Josué por parte de Moisés, ou disposição dinástica. Então essa é a estrutura que Meredith Kline vê no livro.

O artigo que pedi para você ler, de K. Kitchen, é na verdade uma resenha deste livro de Nickelson. Nickelson rejeita toda a analogia da aliança e Kitchen, penso eu, mostra que a rejeição de Nickleson é injustificada.

### 3. Os Elementos Padrão dos Textos do Tratado Hitita

O número 3 é: “Os elementos padrão dos textos do tratado hitita”. Falamos sobre esta analogia entre os textos do tratado e a estrutura do livro de Deuterônômio. Qual é a estrutura dos textos do tratado? Todos concordam que se você olhar para esses tratados hititas, há vinte deles, eles seguem regularmente esse tipo de estrutura. Eles têm cinco elementos: 1) um preâmbulo que apresenta o grande rei, dá seu nome, seus títulos, esse tipo de coisa; 2) o prólogo histórico resume a história anterior da relação entre o grande rei e seu vassalo; 3) as estipulações: são as obrigações que cabem ao vassalo. Eles são colocados sob a responsabilidade do vassalo e baseiam-se em um senso de obrigação para com o grande rei, porque o grande rei fez certas coisas pelo vassalo. Portanto, o suserano, ou rei, tem motivos para esperar que o vassalo retribua aderindo a essas estipulações.

Essas estipulações podem ser divididas em dois tipos: estipulações básicas e estipulações detalhadas. Uma estipulação básica é a obrigação fundamental de lealdade, e as estipulações detalhadas explicam todos os tipos de coisas específicas a serem feitas pelo grande rei.

### 4. O Depósito do Texto do Tratado no Santuário

A seguir, às vezes, mas não em todos os textos, há uma disposição para o depósito do texto do tratado no santuário do vassalo. Às vezes você tem provisão para leitura periódica, de modo que o texto deve ser lido periodicamente ao povo em certas ocasiões, o que encontra um paralelo no depósito mosaico da cópia da lei no tabernáculo

e na leitura da ocasião da Festa. dos Tabernáculos. Mas então 4) testemunhas; e 5) maldições e bênçãos. As testemunhas são os deuses que testemunham o acordo, ou aliança. As maldições e bênçãos são as coisas que esses deuses garantirão que aconteçam ao vassalo se ele for obediente, caso em que será abençoado, ou se for desobediente, será amaldiçoado.

##### 5. O Documento do Tratado era um Libreto da Cerimônia da Aliança

Não é incompatível com a representação do próprio livro como proveniente de Moisés. Alguns sentiram que há uma tensão com isso como uma aliança. É como o tratado hitita, mas você percebe que o livro se apresenta como uma série de discursos. O que Kline diz na página 29 é que o documento do tratado era o libreto da cerimônia da aliança. O libreto, como a palavra de uma composição musical, o libreto da cerimônia da aliança às vezes inclui a resposta do vassalo, bem como a declaração do suserano. Quando se identifica, portanto, Deuterônomo como um texto de tratado, estamos também reconhecendo-o como uma palavra cerimonial de Moisés. A concepção habitual desses discursos mosaicos é que eles são despedidas ordenadas livremente, modificadas para que sua estrutura formal siga de perto as tradições cerimoniais-legais fixas. Portanto, este certamente não é um recital litúrgico estereotipado. Em outras palavras, o que ele está dizendo é que o livro reflete uma cerimônia de renovação da aliança e o cenário é Moisés nas planícies de Moabe liderando o povo através de sua renovação de lealdade ao Senhor. Portanto, entendê-lo como um documento de renovação da aliança não é incompatível com a representação do próprio livro que consiste em uma série de discursos de Moisés.

Há aqui uma semelhança formal com a abordagem de von Rad. Mas, no que diz respeito às diferenças, von Rad não honra a integridade do livro tal como é representada no próprio livro. Ele tem uma teoria de derivação cúltica altamente teórica. O que ele quer dizer com isso é, e eu mencionei isso na última aula, que ele sente que houve uma cerimônia de culto realizada em Siquém sob o comando de Josué e que as tradições dessa cerimônia foram continuadas através dos anos e gerações pelos levitas que, após

eventos periódicos de renovação da aliança, a forma de Deuteronomio foi concebida, bastante tarde. Agora, ele sente que não se passou mais de um século antes de 621 a.C. que a forma foi definida de modo que ele sente que a cerimônia de Siquém, seu ritual e suas idéias, foram preservados pelos levitas e, eventualmente, a estrutura do livro de Deuteronomio foi derivado disso. Portanto, tanto Kline quanto von Rad estão usando o que você poderia chamar de metodologia crítica da forma ao examinar a estrutura do livro, mas Kline está fazendo isso de uma forma que honra a integridade do texto; Von Rad não é.

Vamos fazer uma pausa de 10 minutos .

#### 6. Deuteronomio começa como as formas dos antigos tratados

O número 6 é: “Deuteronomio começa com a formação dos antigos tratados”. Na página 30 de O Tratado do Grande Rei, de Kline, ele diz: “Deuteronomio começa precisamente como os antigos tratados começaram. 'Estas são as palavras de', essas são as primeiras palavras do livro de Deuteronomio - ' Estas são as palavras de.' O costume judaico de usar as palavras iniciais do livro como título acaba servindo, no presente caso, para identificar este livro imediatamente como um documento de tratado.

Deuteronomio 1:1 a 5 passa então a identificar o orador das palavras como Moisés, alguém que recebeu revelação divina e comunica a vontade do Senhor soberano a Israel. Yahweh é o suserano que dá a aliança a Moisés, que é seu vice-regente e mediador da aliança. Esta seção corresponde, portanto, ao preâmbulo do tratado extra-bíblico. O preâmbulo do tratado é onde o Grande Rei se identifica. Portanto, esta secção do tratado corresponde ao preâmbulo. Os tratados bíblicos também identificam o orador como aquele que, por esta aliança, é o porta-voz. Prosseguindo para o versículo 3, “Moisés proclamou aos israelitas o que o Senhor lhe havia ordenado que cumprisse”.

#### 7. A abordagem de Kline para Deuteronomio Resolvendo o problema das “duas introduções”

Tudo bem, o número 7 é: “A abordagem de Kline para Deuteronômio resolvendo o problema das ‘duas introduções’.” Ele diz na página 30, no final da página: “Um grande problema relativo à unidade de Deuteronômio é a presença da forma de ‘duas introduções’ nos capítulos 1 a 4 e 5 a 11.” Ele discute um pouco isso. Kline diz: “As duas introduções evitaram a estrutura real do Deuteronômio. Um prólogo histórico segue regularmente o preâmbulo e precede as estipulações do tratado. E Deuteronômio 1 a 5, 1:5 a 4:49, qualifica-se admiravelmente como um prólogo histórico.” Portanto, o que Kline está dizendo é que as duas introduções são resolvidas por esta compreensão de Deuteronômio como uma estrutura de aliança.

Os capítulos 5 a 26 correspondem à seção de estipulações do tratado. É a terceira divisão, ou seção, do suserano. Von Rad observou a maior parte que inclui os capítulos 5 a 27 e começa com 1 a 4 como uma pesquisa histórica paranética. Outros separam 5 a 11 de 1 a 4 com o pensamento de que são uma introdução aos capítulos 12 a 26. Mas Deuteronômio 5 a 11 deve ser reconhecido como expondo um modo de vida pactual, assim como o fazem os capítulos 12 a 26. Juntos, eles declaram as demandas do suserano: as obrigações básicas e as obrigações detalhadas. A primeira seção apresenta uma estrutura mais geral e abrangente de demandas primárias ou básicas. Os Capítulos 12 a 26 apresentam a maior parte e acrescentam requisitos mais específicos e detalhados. Ele diz mais tarde, no final da página 32: “O caráter das estipulações deuteronômicas de 12 a 26, você obtém esse tipo de estilo sermônico ou paranético”. E, “O caráter da estipulação Deuteronômica de 12 a 26 expõe a imprecisão de falar de um autor Deuteronômico seguindo algum caminho estilístico rígido”. Ele diz: “Esta característica não deixa de ter paralelo na forma de estipulações de tratados em alguns textos de tratados”. Ele diz: “Este documento será apresentado e naturalmente será totalmente explorado por Moisés na condução da cerimônia de renovação, que também foi uma despedida pessoal”.

## 8. Deuteronômio 5-26 Estipulações da Forma do Tratado

Número 8. Devo dizer que no número 8, capítulos 5 a 26, estão as primeiras fases das estipulações dos tratados. Os tratados foram atualizados, eram habitualmente modificados quando eram atualizados. Você consegue algumas diferenças. Por exemplo, em Deuteronômio 5 no mandamento do sábado, se você comparar o mandamento do sábado de Deuteronômio 5, digamos, versículo 15, com Êxodo 20, versículo 11, versículo 15 de Deuteronômio 5 diz: “Lembre-se de que vocês eram escravos no Egito e o Senhor teu Deus te tirou de lá com sua mão poderosa, e agora o Senhor te ordenou que guardasses o sábado”. É a uma nova geração que Moisés está se dirigindo. Em Êxodo 20 o mandamento do sábado é baseado nos 6 dias da criação. Êxodo 20: “Em seis dias fez o Senhor os céus e a terra e tudo o que neles há e no sétimo descansou; portanto o Senhor abençoou o sétimo e o santificou”. Agora, a estipulação é a mesma entre Êxodo e Deuteronômio, mas a motivação declarada é diferente. Isto pode ser resultado da atualização para esta nova geração de uma característica que era característica da renovação de um tratado.

#### 9. Deuteronômio 27-30 Meios para Ratificação da Aliança

Tudo bem, capítulos 27 a 30: esse é o número 9. Deuteronômio 27 a 30 segue o formato padrão que os tratados apresentaram como meio para a ratificação da aliança. É comum ver 26 e seguintes como material adicionado: não faz parte da forma original do livro, mas acréscimos posteriores ou apêndices. Dizer isso desconsidera a continuidade estrutural do padrão do tratado, porque nos capítulos 27 a 30 você tem as bênçãos sancionadas na aliança. Essa era uma característica padrão dos textos do tratado. Esta é a forma como os capítulos 27 a 30 se dividem na visão de Kline. Aqui está um esboço mais detalhado: 27:1-26 você tem uma cerimônia de ratificação em Canaã. Quando você chegar em Canaã, você deverá ir ao Monte Ebal e ao Monte Gerizim e lá escrever a lei, e haverá uma cerimônia de ratificação. Então, as bênçãos e as maldições estão no capítulo 28. O juramento da aliança está no 29. Então, novamente, isso se encaixa bem com a integridade estrutural do livro com base na análise do tratado. Esse é o número 9.

## 10. Deuteronômio 31-34 Arranjos Finais [Cântico de Testemunha et al.)

Número 10: Os capítulos 31 a 34 assumem grande significado como parte integrante da aliança, e não apenas como apêndices. Os capítulos 31 a 34 de forma mais detalhada incluem os arranjos finais. 31:1-29 é o cântico de testemunho. As testemunhas eram uma característica estrutural da forma do tratado. Você recebe uma canção de testemunhas de 31:30 a 32:37. A diferença é que nos textos hititas os deuses seriam as testemunhas. Em Israel você não tem uma noção politeísta, mas tem uma canção de testemunho, aguardando ansiosamente os dias que virão, explicando o que vai acontecer com você se você se desviar das estipulações. Essa é uma grande parte do livro e uma parte importante da estrutura geral. Depois o testamento de Moisés em 32:48 a 33:29 onde ele pronuncia suas bênçãos sobre as tribos. A sucessão dinástica em 34.1-12, à medida que a liderança passa para Josué, o que foi realmente a ocasião para toda a cerimônia de renovação. Os tratados foram renovados no momento da sucessão dinástica, e aqui é precisamente isso. Moisés é a autoridade e ele passa o manto para manter a continuidade até Josué. Assim, mais uma vez, não existe uma dependência total da forma do tratado hitita, mas as suas ideias estruturais contribuem para a integridade de todo o documento.

Transcrito por Dawn Cianci

Editado por Ted Hildebrandt

Edição final do Dr.

Renarrado pelo Dr.

